1ª Geração - Geração Nacionalista, Indianista e Religiosa



Os primeiros poetas românticos foram marcados pelo domínio do **nacionalismo**, do **patriotismo**, e da **ênfase** que deram à natureza brasileira e suas poesias, uma paisagem tropical – onde se realça a exuberância, o exotismo, em oposição à paisagem européia. Neste conceito tropical emergiu o **Indianismo**. O índio era enfocado na acepção de representante de um passado histórico brasileiro, visto como lenda e mito, à moda dos cavaleiros medievais enxergados pelos europeus. O índio apareceu como formador do povo brasileiro e, como tal foi idealizado: era visto sempre de um ângulo positivo; a ele foram atribuídas características de herói, como acontecem nas obras de **Gonçalves Dias**.

6.1.1. Autor e Obras

Gonçalves Dias foi o primeiro poeta autêntico a emergir o nosso Romantismo. Se manteve com a literatura do grupo de Magalhães mais de um contato (passadio, pendor filosofante), a sua personalidade de artista soube transformar os temas comuns em obras poéticas duradouras que o situam muito acima dos predecessores.

Gonçalves Dias é responsável pela consolidação do Romantismo no Brasil. De fato, o poeta maranhense trabalhou de forma brilhante todos os temas iniciais do Romantismo, o Indianismo, a natureza pátria, a religiosidade, o medievalismo, o sentimentalismo.

***Canção do exílio***

Minha terra tem palmeiras,   
Onde canta o Sabiá;   
As aves, que aqui gorjeiam,   
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,   
Nossas várzeas têm mais flores,   
Nossos bosques têm mais vida,   
Nossa vida mais amores.

Em  cismar, sozinho, à noite,   
Mais prazer eu encontro lá;   
Minha terra tem palmeiras,   
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,   
Que tais não encontro eu cá;   
Em cismar sozinho, à noite  
Mais prazer eu encontro lá;   
Minha terra tem palmeiras,   
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,   
Sem que eu volte para lá;   
Sem que disfrute os primores

Que não encontro por cá;   
Sem qu'inda aviste as palmeiras,   
Onde canta o Sabiá.    
  De *Primeiros cantos* (1847)

Nele o autor expressa o nacionalismo ufanista por meio da exaltação da natureza.

Composto por cinco estrofes, sendo três quartetos e dois sextetos, o autor escreveu esse poema em julho de 1843, quando estava estudando Direito na Universidade de Coimbra, em Portugal. Assim, com saudades de seu país, sentia-se exilado.

Essa saudade fica bastante evidente na última estrofe, em que o poeta expressa o seu desejo de regressar:

"Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;".

Logo no início o poeta já destaca duas simbologias, o “sabiá“ que representa a rica fauna existente no Brasil e “palmeiras” simboliza a flora. Em seguida, o autor faz uma comparação entre as faunas, porém observe que ele generaliza, pois não fala o nome de uma ave específica como fez com o termo “sabiá”; simplesmente diz ”aves” mostrando o que tem no Brasil não será encontrado em nenhum outro lugar. O uso dos termos “lá” e “aqui” dar a entender que o eu lírico não está no Brasil e o poema é uma vaga lembrança de saudades pela sua terra.

Primores “significa superior, perfeita, ou seja, no lugar em questão apresenta imperfeições ao contrario do Brasil; deixa claro a superioridade do Brasil em relação às outras. Pede a Deus para que não o deixe morrer antes de voltar para sua terra e desfrutar dos primores.

 Curioso notar que dois versos da Canção do Exílio são mencionados no Hino Nacional Brasileiro, composto em 1822: “Nossos bosques têm mais vida, Nossa vida, (no teu seio) mais amores”.

**POEMA INDIANISTA**

### I-Juca Pirama, de Gonçalves Dias

**ESTUDO DOS CANTOS**   
**Canto 1 -** Apresentação e descrição da tribo dos Timbiras. Como está descrevendo o ambiente, o autor usa um verso mais lento e caudaloso.

*No meio das tabas de amenos verdores,   
Cercadas de troncos - cobertos de flores,   
Alteiam-se os tetos d’altiva nação;   
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,   
Temíveis na guerra, que em densas coortes   
Assombram das matas a imensa extensão.*

*São rudos, severos, sedentos de glória,   
Já prélios incitam, já cantam vitória,   
Já meigos atendem à voz do cantor:   
São todos Timbiras, guerreiros valentes!   
Seu nome lá voa na boca das gentes,   
Condão de prodígios, de glória e terror!*

*As tribos vizinhas, sem forças, sem brio,   
As armas quebrando, lançando-as ao rio,   
O incenso aspiraram dos seus maracás:   
(...)*

*Derramam-se em torno dum índio infeliz.*

*Quem é? - ninguém sabe: seu nome é ignoto,   
Sua tribo não diz: - de um povo remoto   
Descende por certo - dum povo gentil;   
Assim lá na Grécia ao escravo insulano   
Tornavam distinto do vil muçulmano   
As linhas corretas do nobre perfil.*

*Por casos de guerra caiu prisioneiro   
Nas mãos dos Timbiras: - no extenso terreiro*

**Canto 2 -** Narra a festa canibalística dos timbiras e a aflição do guerreiro tupi que será sacrificado.

## II

*(...)*

*Que tens, guerreiro? Que temor te assalta   
No passo horrendo?   
Honra das tabas que nascer te viram,   
Folga morrendo.*

*Folga morrendo; porque além dos Andes   
Revive o forte,   
Que soube ufano contrastar os medos   
Da fria morte.*

*Rasteira grama, exposta ao sol, à chuva,   
Lá murcha e pende:   
Somente ao tronco, que devassa os ares,   
O raio ofende!*

*Que foi? Tupã mandou que ele caísse,   
Como viveu;   
E o caçador que o avistou prostrado   
Esmoreceu!*

*Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes   
Revive o forte,   
Que soube ufano contrastar os medos   
Da fria morte.*

**Canto 3 -** Apresentação do guerreiro tupi – I – Juca Pirama. Sem se preocupar com rimas e estrofação, o poeta apresenta o chefe Timbira.

## III

*(...)*

*"Eis-me aqui", diz ao índio prisioneiro;   
"Pois que fraco, e sem tribo, e sem família,   
"As nossas matas devassaste ousado,   
"Morrerás morte vil da mão de um forte."*

*Vem a terreiro o mísero contrário;   
Do colo à cinta a muçurana desce:   
"Dize-nos quem és, teus feitos canta,   
"Ou se mais te apraz, defende-te." Começa   
O índio, que ao redor derrama os olhos,   
Com triste voz que os ânimos comove*

**Canto 4 -** I - Juca Pirama aprisionado pelos Timbiras declama o seu canto de morte e pede ao Timbiras que deixem-no ir para cuidar do pai alquebrado e cego.

*Meu canto de morte,   
Guerreiros, ouvi:   
Sou filho das selvas,   
Nas selvas cresci;   
Guerreiros, descendo   
Da tribo tupi.*

*Da tribo pujante,   
Que agora anda errante   
Por fado inconstante,   
Guerreiros, nasci;   
Sou bravo, sou forte,   
Sou filho do Norte;   
Meu canto de morte,   
Guerreiros, ouvi.*

*Já vi cruas brigas,   
De tribos imigas,   
E as duras fadigas   
Da guerra provei;   
Nas ondas mendaces   
Senti pelas faces   
Os silvos fugaces   
Dos ventos que amei.*

*Andei longes terras   
Lidei cruas guerras,   
Vaguei pelas serras   
Dos vis Aimoréis;   
Vi lutas de bravos,   
Vi fortes - escravos!   
De estranhos ignavos   
Calcados aos pés.*

*E os campos talados,   
E os arcos quebrados,   
E os piagas coitados   
(...)*

*Meu pai a meu lado   
Já cego e quebrado,   
De penas ralado,   
Firmava-se em mi:   
Nós ambos, mesquinhos,   
Por ínvios caminhos,   
Cobertos d’espinhos   
Chegamos aqui!*

*O velho no entanto   
Sofrendo já tanto   
De fome e quebranto,   
Só qu’ria morrer!   
(...)*

*Que filho lhe sou.*

*Ao velho coitado   
De penas ralado,   
Já cego e quebrado,   
Que resta? - Morrer.   
Enquanto descreve   
O giro tão breve   
Da vida que teve,   
Deixai-me viver!*

*Não vil, não ignavo,   
Mas forte, mas bravo,   
Serei vosso escravo:   
Aqui virei ter.   
Guerreiros, não coro   
Do pranto que choro:   
Se a vida deploro,   
Também sei morrer.*

**Canto 5 -** Ao escutarem o canto de morte do guerreiro tupi, os timbiras entendem ser aquilo um ato de covardia e desse modo desqualificam-no para o sacrifício. Dando a impressão do conflito que se estabelece e refletindo o diálogo nervoso, entre o chefe Timbira e o índio Tupi

*Soltai-o! - diz o chefe. Pasma a turba;   
Os guerreiros murmuram: mal ouviram,   
Nem pode nunca um chefe dar tal ordem!   
Brada segunda vez com voz mais alta,   
Afrouxam-se as prisões, a embira cede,   
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.*

*Timbira, diz o índio enternecido,   
Solto apenas dos nós que o seguravam:   
És um guerreiro ilustre, um grande chefe,   
Tu que assim do meu mal te comoveste,   
Nem sofres que, transposta a natureza,   
Com olhos onde a luz já não cintila,   
Chore a morte do filho o pai cansado,   
Que somente por seu na voz conhece.   
- És livre; parte.   
- E voltarei.   
- Debalde.   
- Sim, voltarei, morto meu pai.   
- Não voltes!   
É bem feliz, se existe, em que não veja,   
Que filho tem, qual chora: és livre; parte!   
- Acaso tu supões que me acobardo,   
Que receio morrer!   
- És livre; parte!   
- Ora não partirei; quero provar-te   
Que um filho dos Tupis vive com honra,   
E com honra maior, se acaso o vencem,   
Da morte o passo glorioso afronta.*

*- Mentiste, que um Tupi não chora nunca,   
E tu choraste!... parte; não queremos   
Com carne vil enfraquecer os fortes.*

(...)  
**Canto 6 -** O filho volta ao pai que ao pressentir o cheiro de tinta dos timbiras que é específica para o sacrifício desconfia do filho e ambos partem novamente para a tribo dos timbiras para sanarem ato tão vergonhoso para o povo tupi. Reproduzindo o diálogo entre pai e filho e também a decepção daquele

## VI

*- Filho meu, onde estás?   
- Ao vosso lado;   
Aqui vos trago provisões; tomai-as,   
As vossas forças restaurai perdidas,   
E a caminho, e já!   
- Tardaste muito!   
Não era nado o sol, quando partiste,   
E frouxo o seu calor já sinto agora!   
- Sim demorei-me a divagar sem rumo,   
Perdi-me nestas matas intrincadas,   
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;   
Convém partir, e já!   
- Que novos males   
Nos resta de sofrer? - que novas dores,   
Que outro fado pior Tupã nos guarda?   
- As setas da aflição já se esgotaram,   
Nem para novo golpe espaço intacto   
Em nossos corpos resta.   
- Mas tu tremes!   
- Talvez do afã da caça....   
- Oh filho caro!   
(...)*

*- Tu prisioneiro, tu?   
- Vós o dissestes.   
- Dos índios?   
- Sim.   
- De que nação?   
- Timbiras.   
- E a muçurana funeral rompeste,   
Dos falsos manitôs quebrastes maça...   
- Nada fiz... aqui estou.   
- Nada! -   
Emudecem;   
Curto instante depois prossegue o velho:   
- Tu és valente, bem o sei; confessa,   
Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo!   
- Nada fiz; mas souberam da existência*  
**Canto 7 -** Sob alegação de que os tupis são fracos, o chefe dos timbiras não permite a consumação do ritual.

## VII

*"Por amor de um triste velho,   
Que ao termo fatal já chega,   
Vós, guerreiros, concedestes   
A vida a um prisioneiro.   
Ação tão nobre vos honra,   
Nem tão alta cortesia   
Vi eu jamais praticada   
Entre os Tupis, - e mas foram   
Senhores em gentileza.*

*"Eu porém nunca vencido,   
(...)*

*Mas o chefe dos Timbiras,   
Os sobrolhos encrespando,   
Ao velho Tupi guerreiro   
Responde com tôrvo acento:*

*- Nada farei do que dizes:   
É teu filho imbele e fraco!   
Aviltaria o triunfo   
Da mais guerreira das tribos   
Derramar seu ignóbil sangue:   
Ele chorou de cobarde;   
Nós outros, fortes Timbiras,   
Só de heróis fazemos pasto. -*

*Do velho Tupi guerreiro   
A surda voz na garganta   
Faz ouvir uns sons confusos,   
Como os rugidos de um tigre,   
Que pouco a pouco se assanha!*

**Canto 8 -** O pai envergonhado maldiz o suposto filho covarde.

*"Tu choraste em presença da morte?   
Na presença de estranhos choraste?   
Não descende o cobarde do forte;   
Pois choraste, meu filho não és!   
Possas tu, descendente maldito   
De uma tribo de nobres guerreiros,   
Implorando cruéis forasteiros,   
Seres presa de via Aimorés.*

*"Possas tu, isolado na terra,   
Sem arrimo e sem pátria vagando,   
Rejeitado da morte na guerra,   
Rejeitado dos homens na paz,   
Ser das gentes o espectro execrado;   
Não encontres amor nas mulheres,   
Teus amigos, se amigos tiveres,   
Tenham alma inconstante e falaz!*

*"Não encontres doçura no dia,   
Nem as cores da aurora te ameiguem,   
E entre as larvas da noite sombria   
Nunca possas descanso gozar:   
Não encontres um tronco, uma pedra,   
(...)*

*Arco e frecha e tacape a teus pés!   
Sê maldito, e sozinho na terra;   
Pois que a tanta vileza chegaste,   
Que em presença da morte choraste,   
Tu, cobarde, meu filho não és."*

**Canto 9 -** Enraivecido o guerreiro tupi lança o seu grito de guerra e derrota a todos valentemente em nome de sua honra.

## IX

*Isto dizendo, o miserando velho   
A quem Tupã tamanha dor, tal fado   
Já nos confins da vida reservada,   
Vai com trêmulo pé, com as mãos já frias   
Da sua noite escura as densas trevas   
Palpando. - Alarma! alarma! - O velho pára!   
O grito que escutou é voz do filho,   
Voz de guerra que ouviu já tantas vezes   
Noutra quadra melhor. - Alarma! alarma!   
- Esse momento só vale a pagar-lhe   
Os tão compridos trances, as angústias,   
Que o frio coração lhe atormentaram*

*De guerreiro e de pai: - vale, e de sobra.   
Ele que em tanta dor se contivera,   
Tomado pelo súbito contraste,   
Desfaz-se agora em pranto copioso,   
Que o exaurido coração remoça.*

*A taba se alborota, os golpes descem,   
Gritos, imprecações profundas soam,   
(...)*

*"Este, sim, que é meu filho muito amado!*

*"E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,   
"Corram livres as lágrimas que choro,   
"Estas lágrimas, sim, que não desonram."*

**Canto 10 -** O velho Timbira (narrador) rende-se frente ao poder do tupi e diz a célebre frase: "meninos, eu vi".

*Um velho Timbira, coberto de glória,   
Guardou a memória   
Do moço guerreiro, do velho Tupi!   
(...)*

*Valente e brioso, como ele, não vi!   
E à fé que vos digo: parece-me encanto   
Que quem chorou tanto,   
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!"*

*Assim o Timbira, coberto de glória,   
Guardava a memória   
Do moço guerreiro, do velho Tupi.   
E à noite nas tabas, se alguém duvidava   
Do que ele contava,   
Tornava prudente: "Meninos, eu vi!".*

**Análise da obra**   
Gonçalves Dias publicou o livro Últimos cantos e deve ter sido escrito entre 1848 e 1851, e na obra se encontra o poema I – Juca Pirama.   
  
I – Juca Pirama é considerada pelos críticos como um dos mais elaborados poemas do Romantismo brasileiro.   
O título do poema é tirado da língua tupi e significa, conforme explica o próprio autor, “o que há de ser morto, e que é digno de ser morto.” Embora tenha nome próprio, “Juca Pirama” não tem nada a ver com o nome do índio aprisionado pelos Timbiras.   
Apesar de ter uma fama narrativa que configura o gênero épico e um conteúdo dramatizável, predomina no poema o gênero lírico – um lirismo fácil e espontâneo, perpassado das emoções e subjetividade do poeta. Como é próprio do romantismo, estilo a que está ligado Gonçalves Dias, é um lirismo que brota do coração e da “imaginação criadora” do poeta e que expressa bem o sentimentalismo romântico. A obra é indianista e vale ressaltar a musicalidade dos versos que é uma característica típica de Gonçalves Dias.   
O poema I–Juca Pirama nos dá uma visão mais próxima do índio, ligado aos seus costumes, idealizado e moldado ao gosto romântico. O índio integrado no ambiente natural, e principalmente adequado a um sentimento de honra, reflete o pensamento ocidental de honra tão típico das novelas de cavalaria medievais - é o caso do texto Rei Arthur e a Távola Redonda. Se os europeus podiam encontrar na Idade Média as origens da nacionalidade, o mesmo não aconteceu com os brasileiros. Provavelmente por essa razão, a volta ao passado, mesclada ao culto do bom selvagem, encontra na figura do indígena o símbolo exato e adequada para a realização da pesquisa lírica e heroica do passado.   
O índio é então redescoberto, embora sua recriação poética dê ideia da redescoberta de uma raça que estava adormecida pela tradição e que foi revivida pelo poeta. O idealismo, a etnografia fantasiada , as situações desenvolvidas como episódios da grande gesta heroica e trágica da civilização indígena brasileira, a qual sofre a degradação do branco conquistador e colonizador, têm na sua forma e na sua composição reflexos da epopeia. da tragédia clássica e dos romances de gesta da Idade Média. Assim o índio que conhecemos nos versos bem elaborados de Gonçalves Dias é uma figura poética, um símbolo.   
Gonçalves Dias centra I – Juca Pirama num estado de coisas que ganham uma enorme importância pela inevitável transgressão cometida pelo herói, transgressão de cunho romanesco (o choro diante da morte) que quando transposta a literatura gera uma incrível idealização dos estados de alma. Como exemplo, podemos citar as reações causadas pelo "suposto medo da morte". Com isso, o autor transforma a alma indígena em correlativos dos seus próprios movimentos, sublinhando a afetividade e o choque entre os afetos: há uma interpenetração de afetos (amor, ódio, vingança etc.) que estabelece uma harmonia romântica entre o ser que está sendo julgado e a sua natureza - a natureza indígena, com a consequente preferência pelas cenas e momentos que correspondem ao teor das emoções. Daí as avalanches de bravura e de louvor à honra e ao caráter.

**Foco narrativo**   
I – Juca – Pirama é narrado em 3ª pessoa por um índio timbira que relata às gerações posteriores as proezas do guerreiro tupi que lá esteve. A posição do narrador é distante, revelando-se onisciente e onipresente.   
O poema descreve, a partir de um “flash-back”, a estória de um índio tupi que, por ser um bravo e corajoso guerreiro, deveria ter sua carne comida numa cerimônia religiosa (antropofagia).   
  
  
**Personagens**  
**I - Juca Pirama** - típico herói romantizado, perfeito, sem mácula que desperta bons sentimentos no homem burguês leitor.

**O velho tupi -** simboliza a tradição secular dos índios tupis. É o pai de I – Juca Pirama.

**Os timbiras** - índios ferozes e canibais.

**O velho timbira -** narrador e personagem ocular da estória.

**Temática**  
O índio adequado a um forte sentimento de honra, simboliza a própria força natural do ameríndio, sua alta cultura acerca de seu povo representado no modo como este acata o rígido código de ética de seu povo.

O índio brasileiro é um clone do cavaleiro medieval das novelas europeias românticas como as de Walter Scott.

**Enredo**  
O poema narra o drama de I-Juca Pirama (*aquele que vai morrer*), último descendente da tribo tupi, que é feito prisioneiro de uma tribo inimiga. Movido pela amor filial, pois o índio tupi era arrimo de seu pai, velho e cego, I-Juca Pirama, contrariando a ética do índio, implora ao chefe dos timbiras pela sua libertação. O chefe timbira a concede, não sem antes humilhar o prisioneiro: "Não queremos com carne vil enfraquecer os fortes." Solto, o prisioneiro reencontra-se com seu pai, que percebe que o filho havia sido aprisionado e libertado. Indignado, o velho exige que ambos se dirijam à tribo timbira, onde o pai amaldiçoa violentamente o jovem guerreiro que ferido em seus brios, põe-se sozinho a lutar com os timbiras. Convencido da coragem do tupi, o chefe inimigo pode-lhe que pare a luta, reconhecendo sua bravura. Pai e filho se abraçam - estava preservada a dignidade dos tupis.

**Leito de folhas verdes**  
Por que tardas, Jatir, que tanto a custo   
À voz do meu amor moves teus passos?   
Da noite a viração, movendo as folhas,   
Já nos cimos do bosque rumoreja.   
  
Eu sob a copa da mangueira altiva  
Nosso leito gentil cobri zelosa  
Com mimoso tapiz de folhas brandas,  
Onde o frouxo luar brinca entre flores.  
  
Do tamarindo a flor abriu-se, há pouco,   
Já solta o bogari mais doce aroma!  
Como prece de amor, como estas preces,  
No silêncio da noite o bosque exala.  
  
Brilha a lua no céu, brilham estrelas,  
Correm perfumes no correr da brisa,  
A cujo influxo mágico respira-se  
Um quebranto de amor, melhor que a vida!  
  
A flor que desabrocha ao romper d'alva  
Um só giro do sol, não mais, vegeta:  
Eu sou aquela flor que espero ainda  
Doce raio do sol que me dê vida.  
  
Sejam vales ou montes, lago ou terra,  
Onde quer que tu vás, ou dia ou noite,   
Vai seguindo após ti meu pensamento;  
Outro amor nunca tive: és meu, sou tua!  
  
Meus olhos outros olhos nunca viram,  
Não sentiram meus lábios outros lábios,  
Nem outras mãos, Jatir, que não as tuas  
A arazóia na cinta me apertaram.  
  
Do tamarindo a flor jaz entreaberta,  
Já solta o bogari mais doce aroma  
Também meu coração, como estas flores,  
Melhor perfume ao pé da noite exala!  
  
Não me escutas, Jatir! nem tardo acodes   
À voz do meu amor, que em vão te chama!   
Tupã! lá rompe o sol! do leito inútil   
A brisa da manhã sacuda as folhas!  
  
  
Comentário sobre a poesia

No poema em tela, o poeta filia-se à tradição medieval das canções de amigo imprimindo-lhe a cor local.

Na primeira estrofe, o eu-lírico feminino anseia pela volta de seu amado, Jatir, (1º e 2º versos) e questiona o porquê de sua demora. Note-se que aqui, os elementos da natureza corroboram a sensação de angústia da mulher (3º e 4º versos).

Na segunda e terceira estrofes temos o leito de amor, feito sob a copa da mangueira e feito de folhas brandas. Aqui, a natureza traduz toda a doçura do esperado encontro amoroso: mimoso tapiz de folhas brandas; o frouxo luar brinca entre flores; solta o bogari mais doce aroma.

A espera se prolonga e a angústia cresce, como evidencia a metáfora contida nos versos 4º e 5º da 5ª estrofe: Eu sou aquela flor que espero ainda / Doce raio do sol que me dê vida. Ela é a flor que depende dos raios de sol (a presença do amado) para viver.

A 6ª estrofe evidencia a idealização do amor, que vence todos os obstáculos (versos 1 e 2). Da mesma forma é idealizada a figura feminina que devota total fidelidade ao seu homem, conforme observamos na 7ª estrofe.

Na última estrofe temos a desilusão do eu-lírico. Com a chegada da manhã, a esperança e a expectativa dão lugar à decepção e à tristeza, pois Jatir não responde ao seu chamado. Pede então que a brisa da manhã leve consigo as folhas do leito inútil.

Em Leito de folhas verdes temos, portanto uma síntese dos elementos mais caros à tradição romântica: o sentimentalismo, a idealização amorosa, a idealização da figura feminina, a natureza expressiva, o medievalismo e o nacionalismo (de matiz indianista).

**Sofrimento**



Meu Deus, Senhor meu Deus, o que há no mundo  
Que não seja sofrer?  
O homem nasce, e vive um só instante,  
E sofre até morrer!

A flor ao menos, nesse breve espaço  
Do seu doce viver,  
Encanta os ares com celeste aroma,  
Querida até morrer.

É breve o romper d'alva, mas ao menos  
Traz consigo prazer;  
E o homem nasce e vive um só instante:  
E sofre até morrer!

Meu peito de gemer já está cansado,  
Meus olhos de chorar;  
E eu sofro ainda, e já não posso alivio  
Sequer no pranto achar!

Já farto de viver, em meia vida,  
Quebrado pela dor,  
Meus anos hei passado, uns após outros,  
Sem paz e sem amor.

O amor que eu tanto amava do imo peito,  
Que nunca pude achar,  
Que embalde procurei, na flor, na planta,  
No prado, e terra, e mar!

E agora o que sou eu? - Pálido espectro,  
Que da campa fugiu;  
Flor ceifada em botão; imagem triste  
De um ente que existiu...

Não escutes, meu Deus, esta blasfêmia;  
Perdão, Senhor, perdão!  
Minha alma sinto ainda, - sinto, escuto  
Bater-me o coração.

Quando roja meu corpo sobre a terra,  
Quando me aflige a dor,  
Minha alma aos céus se eleva, como o incenso,  
Como o aroma da flor.

E eu bendigo o teu nome eterno e santo,  
Bendigo a minha dor,  
Que vai além da terra aos céus infindos  
Prender-me ao criador.

Bendigo o nome teu, que uma outra vida  
Me fez descortinar,  
Uma outra vida, onde não há só trevas,  
E nem há só penar.

**Comentários sobre o poema**

Marcadas pelo sentimentalismo lamuriante e lacrimoso. Apresenta ritmo leve e suave, em que se sobressai o amor idílico, puro e casto. No poema vê-se o desejo de amar que não se concretiza,como também a infelicidade, o desengano, a solidão, sempre entrelaçados com a ideia de morte. Ainda se percebe a presença marcante, no lirismo amoroso do poeta, da mulher, de acordo com a concepção romântica, que está sempre numa dimensão inatingível, constituindo uma “etérea visão”, que se confunde com os “anjos”. “(...) a impossibilidade da realização amorosa encontra no sonho um artifício para contrastar os aspectos físicos e idealizados do amor”.nota-se a forte religiosidade também no poema*...”Não escutes, meu Deus, esta blasfêmia;  
Perdão, Senhor, perdão!”....*Embora apareçam, nos poemas, lampejos de felicidade e algum entusiasmo, prevalecem neles a ideia de que a vida é um “vale de lágrimas”, que culmina com a morte infalível, como se vê em “Sofrimento”

EXERCÍCIOS

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,Mais prazer eu encontro lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar – sozinho, à noite –  
Mais prazer eu encontro lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;

Sem qu'inda aviste as palmeiras,Onde canta o Sabiá.

***Gonçalves Dias***

1. De acordo com as características da primeira geração romântica e do poema de Gonçalves Dias, pode-se inferir que

a) O poema de Gonçalves Dias é ufanista, ou seja, expressa um orgulho exagerado pela pátria.

b) A primeira geração romântica expressa um culto à figura do índio e a exaltação da do escravo.

c) A primeira fase do romantismo brasileiro foi caracterizada por uma atitude individualista ou subjetiva, quando predominou a temática pessimista.

d) O poema de Gonçalves Dias mostra uma valorização da pátria, característica da fase condoreira na qual se insere.

e) É possível notar no poema a presença da religiosidade, que é característica da segunda fase romântica.

1. "Entre os muitos fatores que contribuíram para a implantação do indianismo na literatura brasileira está a "tradição literária" do período colonial. Ela foi introduzida pela literatura de informação e literatura de catequese sendo retomada por Basílio da Gama e Santa Rita Durão. O indianismo dos românticos [...] denota tendência para particularizar os grandes temas, as grandes atitudes de que se nutria a literatura ocidental, inserindo-as na realidade local, tratando-as como próprias de uma tradição brasileira."

(Antonio Candido, Formação da Literatura Brasileira)

Considerando-se o texto acima, pode-se dizer que o indianismo, na literatura romântica brasileira

a) procurou ser uma cópia dos modelos europeus.

b) adaptou a realidade brasileira aos modelos europeus.

c) ignorou a literatura ocidental para valorizar a tradição brasileira.

d) deformou a tradição brasileira para adaptá-la à literatura ocidental.

e) procurou adaptar os modelos europeus à realidade local.

LEITO DAS FOLHAS VERDES

Por que tardas, Jatir, que tanto a custo  
À voz do meu amor moves teus passos?  
Da noite a viração. movendo as folhas,  
Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a copa da mangueira altiva  
Nosso leito gentil cobri zelosa  
Com mimoso tapiz de folhas brandas,  
Onde o frouxo luar brinca entre flores.

Do tamarindo a flor abriu-se, há pouco,

Já solta o bogari mais doce aroma!  
Como prece de amor, como estas preces,

No silêncio da noite o bosque exala.

Brilha a lua no céu, brilham estrelas,  
Correm perfumes no correr da brisa,  
A cujo influxo mágico respira-se\_

Um quebranto de amor, melhor que a vida!

A flor que desabrocha ao romper d’alva  
Um só giro do sol, não mais, vegeta:  
Eu sou aquela flor que espero ainda  
Doce raio do sol que me dê vida.  
 (Gonçalves Dias)

Gonçalves Dias é o maior poeta da primeira geração do Romantismo Brasileiro. A lírica amorosa que ele traz é marcada pela impossibilidade da realização do amor. A "lírica do amor interrompido" ecoa os sofrimentos vividos pelo poeta já que foi impedido de casar com seu amor Ana Amélia, assim, tal tema é levantado na maioria de suas poesias, assim como em “Leito de Folhas Verdes”.

Em relação ao texto de Gonçalves Dias e o sentimentalismo , pode-se inferir que

a) o poema muito se aproxima da estética simbolista, principalmente pela manifestação de elementos simbólicos, tais como “luar”, “vales”, “bosque” e “perfumes”,

b)   o poema romântico indianista recupera as antigas cantigas de amigo medievais, para expressar o amor por meio da espera.

c)   o poema de Gonçalves Dias demonstra profunda influência renascentista, recebida principalmente de Camões.

d)   apesar da intensa presença da natureza, o poema em questão já se aproxima do Parnasianismo, pela presença dos elementos mitológicos.

e)   mesmo sendo romântico, notam-se ainda no poema os aspectos marcantes do Arcadismo, principalmente no que diz respeito ao bucolismo.

1. “Cantor das selvas, entre bravas matas

Áspero tronco da palmeira escolho,

Unido a ele soltarei meu canto,

Enquanto o vento nos palmares zune,

Rugindo os longos, encontrados leques.”

Os versos acima, de Os Timbiras, de Gonçalves Dias, apresentam características da primeira geração romântica, como:

a) Apego ao equilíbrio na forma de expressão; presença do nacionalismo, pela temática indianista e pela valorização da natureza brasileira.

b) Resistência aos exageros sentimentais e à forma de expressão subordinada às emoções; visão da poesia a serviço de causas sociais, como a escravidão.

c) Expressão preocupada com o senso de medida; “mal do século”; natureza como amiga e confidente.

d) Transbordamento na forma de expressão; valorização do índio como típico homem nacional; apresentação da natureza como refúgio dos males do coração.

e) Expressão a serviço da manifestação dos estados de espírito mais exagerados; sentimento profundo de solidão.

**Canção do exílio**

Minha terra tem palmeiras,   
Onde canta o Sabiá;   
As aves, que aqui gorjeiam,   
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,   
Nossas várzeas têm mais flores,   
Nossos bosques têm mais vida,   
Nossa vida mais amores.

Em  cismar, sozinho, à noite,   
Mais prazer eu encontro lá;   
Minha terra tem palmeiras,   
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,   
Que tais não encontro eu cá;   
Em cismar sozinho, à noite  
Mais prazer eu encontro lá;   
Minha terra tem palmeiras,   
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,   
Sem que eu volte para lá;   
Sem que disfrute os primores   
Que não encontro por cá;   
Sem qu'inda aviste as palmeiras,   
Onde canta o Sabiá.

**Gonçalves Dias**

Gonçalves Dias consolidou o romantismo no Brasil. Sua “Canção do exílio” pode ser considerada tipicamente romântica porque

a) apoia-se nos cânones formais da poesia clássica greco-romana; emprega figuras de ornamento, até com certo exagero; evidencia a musicalidade do verso pelo uso de aliterações.

b) exalta terra natal; é nostálgica e saudosista; o tema é tratado de modo sentimental, emotivo.

c) utiliza-se do verso livre, como ideal de liberdade criativa; sua linguagem é hermética, erudita; glorifica o canto dos pássaros e a vida selvagem.

d) poesia e música se confundem, como artifício simbólico; a natureza e o tema bucólico são tratados com objetividade; usa com parcimônia as formas pronominais de primeira pessoa.

e) poesia marcada com ideais de libertações e com uma linguagem fortemente marcada pelo tom ufanista e religioso.

**Gabarito**

1 – A

2 – E

3 – C

4- A

5 - B